



INDIA PORTUGUEZA — PRAÇA DA AGUADA.

Todos os que nos prezamos do nome de portuguezes sentimos arfar o coração de nobre orgulho sempre que se falla dos estados da India. Com effeito o territorio que hoje os constitue foi o theatro dos espantosos feitos dos nossos maiores; ali fizeram os nossos heroicos capitães respeitar a civilização europêa e o nome de Portugal; ali pereceram muitos nossos conterraneos, uns pelejando pela religião do crucificado, pela sua patria e pelo seu rei; outros nas luctas não menos perigosas das missões; porque os portuguezes d'então, quando não triumphavam como soldados, sabiam morrer como heroes, ou como martyres!

É nosso proposito publicar uma noticia do estado actual da India portugueza, que apesar de decadente, ainda é uma das mais importantes partes da monarchia, para o que nos serviremos de trabalhos mui curiosos, que se têm recentemente publicado.

Hoje porém limitar-nos-hemos á descripção da fortaleza da Aguada, objecto da estampa, a qual extractamos dos *Bosquejos das possessões portuguezas no Oriente*, pelo sr. capitão de mar e guerra, J. P. Celestino Soares.

«A praça da Aguada é o ponto fortificado mais militar da costa do norte de Gôa, e talvez de todo aquelle territorio, já pela natureza, já pela arte com que o tornamos formidavel. Occupa o extremo da península que forma o limite boreal da foz do Mandovim, debaixo de cujas baterias todos os navios, que demandam o ancoradouro, são forçados a fundear, para soffrerem o registo. Com effeito é uma bella e grande fortificação, consistindo principalmente n'uma serie de baterias á borda d'agua, ligadas entre si, que poderão comportar até duzen-

tas bôcas de fogo; protegidas por uma grande cidadella no cume da rocha sobranceira, ligada tambem com a maior d'aquellas, onde está o palacio do governador por cortinas flanqueadas de bastiões, com seus terraplenos para morteiros. Esta cidadella é um rectangulo com seus baluartes, seus fossos e revelins, sua estrada coberta, seus quartéis á prova de bomba, e duas immensas cisternas, abertas na mesma rocha, de um acabamento perfeito. Domina toda a campanha ao maior alcance de canhão, pelas tenalhas do norte e nascente; e além d'ellas ha uma muralha ou recinto exterior da praça a tiro de fuzil, com seus baluartes, que completa a fortificação, e a fecha entre o mar e o rio de Siquerim, de maneira que ella ficaria isolada se o fosso que parte d'este rio estivesse concluido. Próximo ao angulo reintrante do baluarte do sudoeste, da parte exterior, mas dentro da cortina que desce da fortaleza real para a bateria da praça, está a torre circular do farol, bem construida e espaçosa. No baluarte do noroeste ergue-se o mastro que supporta o mastaréo do telegrapho de bandeiras; tremulando só a portugueza no angulo mais saliente da bateria da praça, em outro mastaréo de immenso mastro. Dentro da praça ha uma nascente primorosa de agua, incorruptivel nas viagens de longo curso, com uma machina bem imaginada, que a deita em calbas, por onde corre até ao fim do caes, e d'onde commodamente a recebem as embarcações.

«Por cima da porta do primeiro recinto ha uma inscripção, da qual se prova que esta grandiosa fabrica foi obra do vice-rei Rui Lourenço de Tavora, no reinado de Filippe II (1612).

«O farol era antigamente entretido por fachos

MARÇO 11, 1854.

ensopados em azeite, cujo costeio faziam as camaras agrarias de Bardez. Hoje tem uma boa lanterna com eclipses regulados pela machina de um grande relógio, que bate as horas n'um sino de cento e cinquenta arrobas de pezo, transferido para ali da torre do extincto convento dos agostinhos de Gôa. Por portaria do governador geral interino Lopes de Lima (que tinha feito este melhoramento) de 20 de novembro de 1841, foi ordenado o seu serviço, que não tem soffrido alteração. N'uma das lombadas do terreno sobranceiro ao rio, e olhando para a barra, está a ermida de S. Lourenço de Linhares, que serve de parochia do mesmo orago, erecta pelo conde d'aquelle titulo em 1630.

«A guarnição d'esta praça foi sempre numerosa, e era residencia do general da provincia, quando os havia.»

Hoje compõe-se do regimento de artilharia (que em 1831 tinha mais de 500 praças) e da companhia de veteranos do norte.

O governador da praça da Aguada é um major; compõe-se o estado maior, além do governador, de um commandante do prezidio, de um ajudante, de um alferes, de um capellão, de um almoxarife e de um fiel.

Em 1832 havia montadas nas baterias d'Aguada noventa bocas de fogo, sendo de calibre tres, 1; de nove, 29; de doze, 33; de dezeseis, 8; de dezoito, 17, e de vinte e quatro, 2.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A ITALIA.

RESOLVI finalmente fazer apparecer a publico os meus *Apontamentos de uma viagem a Italia*: ainda que tardia seja a appareição nem por isso dispensa a indulgencia, que solicito.

A cargo da menos boa observação, do pouco tempo da viagem, e de qualquer informação inexacta, fique o menos prego d'este trabalho.

Para salvar a incoherencia que se possa notar na orthographia per mim usada n'estes *Apontamentos*, comparando-a com a que tenho empregado n'outros escriptos, direi: que annai a que se seguisse n'esta publicação a orthographia do Panorama.

Divididos os *Apontamentos* em diferentes artigos lhes poremos o ponto e em a nossa assignatura em breve, bastando, que a ponhamos por extenso ao cabo d'esta como introdução.

Lisboa, 22 de fevereiro de 1854.

D. ANTONIO DO SANTISSIMO SACRAMENTO
THOMAZ DE ALMEIDA E SILVA SALDANHA.

I.

TARDE dizemos algumas cousas, das que vimos na nossa viagem de Lisboa a Napoles, e ainda assim poucas.

Em quatro mezes e alguns dias, que abrangeram os ultimos de 1850, e os primeiros de 1851, não poderiamos adquirir jus ao que se applicou ao duque de Lafões, D. João — *Hic morcs nominum multorum vidi! et urbes*; mas também não foi tão curta a nossa viagem, que não possamos fazer algumas, ainda que abreviadas narrações, e não foi tão depressa, que não vissemos muitos homens e cidades, cubera menos que o duque.

Em 2 de outubro de 1850 nos embarcamos no vapor de guerra portuguez Infante D. Luiz, que

deitado de barra em fora se dirigiu para o sul, como lhe era necessario para buscar o Mediterraneo. Passamos a nossa costa, e na do Algarve encontramos, segundo informações do navio, duas baléas. Nas alturas da bôca do estreito tivemos uma cerração, que nos obrigou a fazer algumas milhas desnecessarias.

Em occasião opportuna entramos o estreito, e encostando ao sul vimos de mais perto a Africa, que excita sentimentos tão grandes e tão differentes aos portuguezes. Avistamos Gibraltar, esse morro soberbo, que, quasi separado da terra, parece querer precipitar-se no mar.

Deitamos ferro na bahia de Gibraltar, porto largo e porto franco para o commercio, mas não de uma inteira confiança para ancoradouro.

Tivemos a visita da policia da saude, cujo official, dando-nos a pratica, nos permittiu o desembarque, que effeituaado e recebido o bilhete da policia, nos poz ao alcance de conhecermos a praça e a cidade, que é povoada por gentes mui differentes, porém recordando-se o viajante, que a Hespanha a dominou.

A condição de porto franco anima o commercio de Gibraltar, se bêm que hoje se lhe sente a decadencia. Entretanto Portugal ainda faz um commercio importante com Gibraltar, e maior podia ser se algumas cousas ali chegassem mais aperfeiçoadas, como o disse o consul geral portuguez José Benso em suas interessantes informações de 5 de agosto de 1853.

O governo da praça é dado, como bem se antolha, a pessoa de grande confiança, e a cidade se mantem no pé de guerra, apenas modificado, porque o inimigo não está a vista. A sua população é de 20:000 a 24:000 almas, e tem sobre si uma legislação calculada que difficulta o seu augmento.

A guarnição ordinaria da praça é de uns 4:000 homens, e mette 500 a 600 sentinellas!

Deixando Gibraltar entramos no Mediterraneo, costeando a Hespanha, que por tanto tempo se projecta á beira d'este mar. Passamos em menos tempo a França, e chegamos á Italia.

A costa de Hespanha é montanhosa, e aquelle tempo estava desprovida de pharoes, que tanto servem para a navegação e para animarem os viajantes.

A corrente do estreito pelo centro é toda para levante, e muito sensivel até defronte de Malaga.

O Mediterraneo não tem marés, e um mar cuja ondulação é mais curta do que a do Grande Oceano.

O Mediterraneo é pouco frequentado pela navegação portugueza. Escambamos pouco com os povos, que se assentam ao derredor d'este mar, em parte porque elles e nós temos os mesmos productos, principalmente pelo que diz respeito á Italia, França e Hespanha; e em parte pela decadencia do nosso commercio e navegação, que ainda poderia dirigir as suas carreiras para o Mediterraneo em maior escala do que o faz actualmente.

Se se fizesse conhecer bem e mais geralmente o exquisito dos nossos vinhos, e se se animassem as nossas pescarias; ainda poderiamos abrir novos mercados ao nosso commercio, que chamassem para elles a sua marinha.

A respeito dos vinhos diremos, que a Italia não carece dos nossos vinhos communs, porque cultiva no seu solo os do seu gasto ordinario; porém isto não obsta a que deixemos de lhe fazer conhecer os vinhos de gosto, que serão apreciados para as mezas finas.

A este proposito diremos, que no Piemonte são

mais conhecidos hoje os vinhos portuguezes; não só porque a vinda do rei Carlos Alberto trouxe aqui alguns piemontezes, que quizeram fazer conhecer a excellencia de tal producto; mas porque se estabeleceu em Turim um portuguez, (1) que tem feito negocio com os nossos vinhos, e que assim presta tambem um serviço ao seu paiz.

Ainda poderíamos fazer outro negocio importante para a Italia, e seria o das pescarias, que lá são levadas pelos inglezes e francezes.

A França, querendo animar os seus pescadores, tem já concedido um premio de oito francos por quintal de bacalhau francez importado na Italia.

Portugal devia estadar este exemplo, e aproveitá-lo do modo possível. Os governos dos differentes povos devem considerar a posição geographica dos mesmos povos como uma das bases, ou como um elemento, que tem sempre de entrar nos seus calculos e acção governativa. Assim a Inglaterra desenvolve a sua marinha, e o Piemonte, ou reino sardo, sustenta um exercito, que em tamanho augmento não reclamam as suas necessidades ordinarias; mas porque é um paiz intermedio para a politica austriaca e franceza, quando é decidida pelas armas, as quaes por isso mesmo carece de ter em pé de respeito.

Portugal, que se poderá dizer um litoral, não deve menos attender a importancia que lhe pode resultar do desenvolvimento da sua marinha, quando seja devidamente animada.

O animo que se fizer crear á nossa marinha ha de ser a consequencia do estudo profundo sobre a decadencia do nosso commercio, e sobre os meios de o proteger com auxilios directos e indirectos.

Se se concedesse um premio animador ao proprietario de tantos navios; se se desse um premio por todo aquelle, que dentro de um certo prazo fosse deitado ás aguas; se se isentassem de direitos de saída as carregações que o nosso commercio fizesse para novos portos, e se se conservassem essas isenções, mais ou menos modificadas, até que se estabelecessem importantes relações commerciaes; com estas e outras medidas se animaria o nosso commercio, se augmentaria a nossa marinha commercial, e augmentada esta seria mais consideravel a marinha de guerra, e por isto mais em circumstancias de dar a devida protecção áquella.

Fallando do nosso commercio para o Mediterraneo lembraremos de preferencia, ou como aquelle de entre os productos da grande agricultura que poderá convidar á demanda d'aquelle mar, o vinho generoso, pois que os vinhos communs não encontrarão gasto, se bem que as nossas observações, pelo que respeita aos portos do Mediterraneo, se devem entender mais a respeito do sul da Hespanha, da França e mui principalmente da Italia, que se banha n'este mar.

Os nossos trigos, a não ser em algum caso de apuro e falta, ou a não se recommendarem por uma excellente qualidade, não acharão facil mercado nos portos de Hespanha, França ou Italia do Mediterraneo; e dizemos facil, porque ainda o não julgamos impossivel, porque a França recebe em Marselha o trigo da Alexandria.

A Italia tem bello trigo, e a Toscana tem-no de tal qualidade, que o manda para Inglaterra, e por tal preço, que a anima a expôr-se a comprá-lo para o seu consumo se lhe fór necessario. Genova recebe-o excellente, para as suas magas, da ilha de Sardenha;

ilha que pertencendo a um paiz de civilização, o reino sardo, e tão perto de uma parte da Europa mui adiantada em policia, com tudo, ao menos em parte, está atraz do conceito que porventura farão aquelles que não tenham ouvido fallar d'ella de mais perto. Porém ultimamente tem recebido algum impulso para o seu desenvolvimento economico, promovendo-se-lhe as obras de estradas etc.

O nosso sal tambem não se exporta para o Mediterraneo, e nem para lá vai o azeite, que é um dos productos mais apreciaveis da Italia, e mui principalmente o de *Bati* e o de *Colci*. Fiquê entendido que tratamos das circumstancias ordinarias.

Como acabamos de fallar do azeite de Italia, diremos: que é importantissima a colheita que lá se faz d'elle. As oliveiras em Italia passam tambem pela alternativa da *sejra*.

A oliveira em Italia tambem é fustigada (ao menos em algum paiz) para a apanha do fructo; mas ou porque se lhe espera um estado de mais maturação, ou porque a sacodem com um instrumento menos perado, não se achará tão ingrata a vista dos olivaeas.

A cultura da oliveira é mui cuidada na Italia, o pé da arvore é cavado de dous em dous annos, e tem-se por conveniente o cavar a terra que está em torno; o pé é estrumado com o mesmo intervallo, e não só com o estrume mais vulgar, mas juntando a este algum trapo de lã.

Os fabricantes do azeite em Italia não admittem a salga da azeitona antes de levar esta á moedura.

Para dar uma idéa da importancia do azeite na Italia diremos: que a producção da Toscana não baixa de 300:000 barris; Napoles não produz menos de 200:000 a 300:000 ditos *finos*, porque a sua producção bruta excede muito isto. E o reino de Sardenha, incluindo por isso mesmo as ribeiras de Genova e Nizza, não produz menos do valor de trinta e cinco a quarenta milhões de francos, que divididos por dous annos, visto que a grande colheita é biennial, poderemos dizer, que o valor annual do azeite no reino sardo é o de vinte milhões de francos.

Tornando á pouca importancia do nosso commercio no Mediterraneo, diremos que tendo-nos encontrado com os consules ou agentes consulares portuguezes em differentes portos do dito mar, e tendo tratado com seis d'elles, apenas encontramos n'este numero um portuguez, que era o consul de Barcelona.

Isto prova contra a importancia actual do nosso commercio para taes portos, porque sendo pequenos os ordenados que dá o governo portuguez, não é possível que um nacional possa sustentar-se e sustentar a dignidade do seu cargo com os emolumentos e interesses que porventura teria, se fossem a esses portos carregações importantes e amudadas do commercio portuguez.

Se se quizer fazer alguma transacção directamente de Napoles ou de Liorne, que são dous mercados importantes para Lisboa, não se encontrará meio de a fazer.

Não acontece assim em Genova, e não porque seja de muito vulto o commercio que para lá fazemos, mas porque é o unico porto de Italia d'onde ainda recebemos, ou para onde ainda mandamos mais alguma coisa.

N'outro tempo embarcavam em Genova para Portugal as massas: (estas ainda vêem, porém menos) o papel, o arroz (ha annos (2) que não o recebemos de

(1) Chama-se José de Carvalho.

(2) Ainda de 1826 até 1847 importamos de Genova

Italia), a seda que nos continúa a vir, ao menos a de melhor qualidade, pois que a cultura d'ella tem tido ultimamente um certo desenvolvimento no paiz, e assim ficámos com menos necessidade da seda estrangeira que não seja *especial*; entretanto é o ramo de commercio mais importante que conservámos com a Italia.

Estes e porventura alguns outros productos, mas de pouco valor, são os que a Italia nos manda. E dos outros portos do Mediterraneo pouco recebemos, e d'esse pouco uma parte é por *baldeação* feita em Genova, v. gr. as drogas. Os productos que exportámos dos nossos portos para os do dito mar são: algum, mas pouco, vinho, a cera, a alfarroba, a grã de carasco, ou kermes, o peixe salgado; pouco ou nada mais nos recebe a Italia, isto é, dos productos portuguezes, pois que o marfim, a gomma copal e outros generos coloniaes, mandamos-lh'os como intermediarios.

A França recebe-nos, por Marselha, a urzella e os residuos da purgueira, e porventura a propria semente d'ella, a grã de carasco ou kermes, além de algumas outras insignificantes carregações.

A Hespanha pouco importa dos productos do nosso commercio, a Catalunha compra-nos algum peixe salgado e pouco mais; parece-nos que nos recebe ainda menos que a França.

Para Marrocos tem muita saída o mel, porém se passa d'isto a pouco mais se estende o nosso escambo com a gente de Fez.

O nosso commercio feito por o mar Mediterraneo em navios nacionaes e estrangeiros não emprega muitas duzias de navios no decurso do anno.

Com este rapido estudo commercial e maritimo, e dizendo que a navegação quando é animada tambem se emprega nos carregamentos de commissão, ou de portos estrangeiros para portos estrangeiros, como os hollandezes, dizendo isto, pedimos seria attenção para o commercio e navegação portugueza, e que se repare na sua pouca importancia no Mediterraneo.

E pedimos tambem que seja recebida com indulgencia esta nossa breve noticia, com a qual não se deseja offender a verdade.

Prestar-nos-hemos ás correções, e mui principalmente n'aquellas cousas em que nos fiamos na noticia d'outros, ou para que somos menos competentes, e menos o estamos pelo pouco tempo da nossa observação rapida e mui seguida.

Fecharemos, fazendo sentir que apreciamos commercialmente as carreiras dos vapores francezes vindos do Mediterraneo, e ha pouco estabelecidas, porque podem motivar relações de commercio não lembradas, e outras mênos possiveis sem taes carreiras.

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

II.

Fundação e progressos do imperio ottomano.

COMEÇAVA então a levantar-se no horisonte para os lados da Asia o crescente ottomano. Erthogroul, chefe de uma tribu que habitára nas margens do Eufrates, e que depois se fizera errante, tendo prestado importantes serviços a Aladino III (Ala-eddin) sultão d'Iconium, recebeu d'este em recompensa um pequeno territorio a E. do monte Olympo da Bythinia. Este modesto patrimonio onde Erthogroul accommodou a custo a sua tribu, foi o berço do imperio ottomano. Osman Gashi, filho d'este valente chefe, foi o seu fundador.

Intrepido e corajoso como seu pae, por tal modo se distinguiu na carreira das armas ao serviço d'aquelle sultão, que em pouco tempo se viu elevado aos primeiros cargos do estado, cheio de honras e accrescentado em possessões. Os seus repetidos triumphos contra os tartaros e outros povos não menos guerreiros, que infestavam continuamente os estados de Aladino, e as victorias que alcançava contra o imperio do Oriente nas amiudadas incursões que lhe fazia, e que sempre terminavam pela conquista de uma cidade ou de um castello, alcançaram-lhe o sobrenome de *Ghazi*, que quer dizer — o victorioso.

Assim havia chegado Osman á mais íntima privança do seu soberano, e ao maior gráu de influencia no exercito, de que era commandante em chefe, e no povo que o idolatrava, quando rebentou uma sublevação contra Aladino, promovida pelos grandes da sua côrte, cujo ciume e inveja tinham sido excitados pelos favores e valimento concedidos ao joven Osman.

O sultão, vendo-se desamparado do seu válido, que se achava em serviço longe da côrte, fugiu para Constantinopla; mas o imperador Miguel Paleologo, em vez de um asylo que o infeliz lhe implorava, deu-lhe um carcere por hospedagem, e logo depois a morte.

Este passo errado da politica do imperador teve as mais fataes consequencias para o imperio do oriente. Julgando desfazer-se por meio d'este covarde assassinato do inimigo que mais inquietava os seus estados, não fez senão elevar outro mais temivel, aguilhoando-lhe a ambição e excitando-lhe a coragem com o desejo da vingança.

Apenas Osman Ghazi soube da sorte do seu desditoso soberano correu á capital, aniquilou a revolta, e fez-se immediatamente acclamar sultão. Castigar os que tinham pretendido supplantal-o, derubando Aladino; restabelecer a ordem em todo o paiz; firmar o seu novo throno com varias medidas populares e actos de generosidade; e á frente do seu valente exercito transpor as fronteiras do imperio do oriente, foi tudo obra de pouco tempo.

A paz custou a Miguel Paleologo penosos sacrificios, entre outros a perda de uma boa parte das suas provincias asiaticas.

Osman, o victorioso, falleceu em 1326, deixando por successor a seu filho Orkhan. Creado nos campos de batalha, dotado de todas as grandes qualidades, que distinguiram e elevaram seu pae, e herdeiro finalmente da sua immensa gloria, o novo sultão proseguiu no caminho trilhado por Osman. N'esse mesmo anno da sua elevação ao throno, pondo-se á frente de seu aguerrido exercito, invade o imperio bysantino e toma Nicomedia. Nicea, a mais importante cidade depois de Constantinopla, Berghama, capital da Mésia, e Gallipoli, na margem europêa do Hellesponto, caem tambem em poder do vencedor, que levou suas armas victoriosas até quasi ás portas de Scutari.

A importancia e influencia do imperio do grande Constantino já tinham acabado no meio das luctas civis, e das primeiras invasões dos turcos. Mas de-

Em 1835 — saccas —	1:739
„ 1837 — „ —	2:380
„ 1838 — „ —	29:258
„ 1839 — „ —	8:328
„ 1840 — „ —	156
„ 1841 — „ —	12:211
„ 1842 — „ —	25:890
„ 1843 — „ —	9:949

pois dos triumphos alcançados por Orkhan, perdeu quasi inteiramente a sua independencia. Desde esta epocha ficou devendo a sua existencia ou a ruinosas alianças, ou á generosidade de seus inimigos, algumas vezes ainda mais cara, e sempre humilhante.

Tão precaria e miseravel situação foi aggravada pelas consequencias do procedimento criminoso de Andronico, filho do imperador João V Paleologo. Tendo-se ligado aquelle principe com um filho de Amurat I (Murad Kan) successor de Orkhan, para expulsarem do throno a seus paes, foram vencidos e presos pelo sultão. O principe ottomano foi condemnado á morte, e Andronico, enviado para Constantinopla, foi arremegado para o fundo de um carcere, e por exigencia do sultão mandou seu pae tirar-lhe a vista. Fallecendo pouco depois Murad Kan, e succedendo-lhe seu filho Bajazeto I, conseguiu Andronico fazer-lhe chegar ás mãos uma proposta para o libertar e collocar no throno, obrigando-se a pagar-lhe annualmente um immenso tributo em ouro e prata. Bajazeto acolheu com prazer uma proposta, que tanto favorecia os seus projectos de ambição. Põe-se á frente do exercito, marcha sobre Constantinopla, e sem uma unica batalha apriziona o velho imperador, e conduz Andronico do carcere para o throno.

A frente do parricida ornou-se, é verdade, com a corôa imperial, mas o seu triumpho foi ephemero. João V pdeu escapar-se da prizão, e apresentando-se tambem a Bajazeto alcançou facilmente contra seu filho o mesmo auxilio, que Andronico conseguira contra seu pae. Só no que houve differença foi no preço, que d'esta vez foi muito mais pezado e vergonhoso.

As meias luas do propheta tornaram a transpor triumphantes as portas de Constantinopla, e o monarcha desterrado empunhou de novo a insignia do poder. Mas desde esse momento o imperador não foi mais do que um delegado do sultão, de quem se declarou vassallo, obrigando-se a pagar-lhe todos os annos um tributo onerosissimo, e a fornecer-lhe um contingente de doze mil homens, quando lh'os exigisse.

E não parou aqui tanta baixeza, o aviltamento foi muito mais longe quando Bajazeto, querendo apoderar-se da Philadelphia, a ultima cidade que restava na Asia ao imperio grego, e encontrando no governador e na guarnição uma resistencia tão heroica, que zombava de todos os esforços dos sitiantes, e desobedecia até ás ordens do imperador, que lhe mandava entregar a praça, quando Bajazeto, repito, obrigou a João V a ir com os seus soldados dar assalto á sua propria cidade!

Em quanto pois o imperio grego assim se ia desmoronando com tanta rapidez, os exercitos do sultão caminhavam pela Asia e pela Europa de victoria em victoria, estendendo sempre as fronteiras do imperio ottomano. Por duas vezes veio Bajazeto pôr cerco a Constantinopla, e de ambas deveu esta capital a sua salvação aos triumphos de Tamerlão [Timour-Leng] que obrigaram o principe mussulmano a levantar mão da preza, que tanto cubigava, para voar a defender seus estados, ameaçados na Europa pelos hungaros, e na Asia pelo celebre guerreiro da Tartaria.

A estrella de Bajazeto começou então a empallidecer. A fortuna, que sempre o acompanhára, desamparou-o nas planicies d'Angora, onde foi derrotado e aprisionado por Tamerlão (1402). A sua morte, que foi immediata a este successo, e filha do pezar, que elle lhe causou, lançou o imperio ottomano nos horrores da anarchia. A herança do grande Bajazeto foi disputada por seus tres filhos Solimão, Mousa e Mahomet, que entre si a dividiram, apoderando-se

cada um do mais que podia, e guerreando-se desesperadamente.

Durou onze annos esta lucta fratricida, que veio dar treguas a Constantinopla, e prolongar a existencia ao definhado imperio bysantino.

Mahomet, tendo supplantado seus irmãos, reuniu sob o mesmo sceptro todos os estados de seu pae (1413). Mas como os seus ultimos triumphos foram devidos em grande parte aos auxilios prestados pelo imperador Manuel II Paleologo, Mahomet, cheio de reconhecimento, prometteu-lhe paz e amizade. E cumpriu religiosamente a sua promessa. Em quanto este principe viveu gosou de paz o imperio grego, porém no reinado de seu filho Amurat II [Murad Kan], que lhe succedeu em 1421, começou novamente a guerra. Constantinopla foi outra vez sitiada; travou-se renhida peleja, mas apesar do valor com que combatiam os sitiados, esta capital deveu unicamente a sua salvação a uma revolta nas provincias asiaticas do imperio ottomano, que obrigou o sultão a levantar o cerco, para correr a aniquilar os rebeldes.

Amurat continuou depois as suas conquistas, de maneira que na occasião da sua morte o imperio do grande Constantino estava reduzido simplesmente á capital e arrabaldes, que comprehendiam um pequeno territorio.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.



ILHA FERNANDO PÓ — BUBI.

A ILHA de Fernando Pó está situada no golfo de Guiné, a oito leguas da terra firme, e em frente das fozes dos rios Calabar, Benim e Camarões.

Esta ilha foi descoberta por um capitão portuguez, que se chamava Fernando Pó, no anno de 1486, segundo a opinião mais verosimil. Em nosso

poder se conservou esta descoberta do valoroso e ousado argonauta, até que foi cedida á Hespanha pelo tratado de 1778.

A ilha de Fernando Pó é montuosa em grande parte; entretanto contém alguns valles deliciosos, e planicies mui férteis, regadas por varios ribeiros, que vão desembocar na bahia de S. Isabel, onde se acha a povoação d'este nome, que é a capital da colonia. Dão-lhe uns as seguintes dimensões: 17 leguas de comprimento, 9 de largura, e 23 de circumferencia. Outros porém asseveram que ella tem 10 leguas de comprimento, 14 de largo, e 45 a 48 de circumferencia.

A temperatura é ali bastante elevada (37 a 43 graus); todavia a do continente proximo é menos benigna e saudavel. Nos mezes das chuvas, que são os de junho, julho, agosto e setembro, o calor diminue bastante de intensidade. Não se conhecem em Fernando Pó certas enfermidades terriveis proprias dos climas africanos, como a elephantiasis, a hydrocele e as escrofulas.

O numero de habitantes não excede a 15:000, segundo os calculos mais moderados. Dividem-se em raças, e as raças em familias; umas são originarias ou indigenas, e outras estrangeiras. Das primeiras não ha realmente mais que uma, a *bubi*, a qual goza de todos os privilegios e distincções. Das segundas as mais conhecidas são a dos Crumanos, Timané, Aera, Cabo-costa e Jamaica.

A *bubi* é dividida em familias, presididas por certos chefes, denominados *corocos*. Os costumes d'estes negros são, em geral, semelhantes aos das nossas possessões de Guiné.

O governo primitivo, ou patriarchal, é o que conhecem estes ilhéus. O *coroco*, chefe de familia, costuma aconselhar-se nos negocios graves com os anciãos da mesma, que constituem como uma especie de senado.

Os *bubis* adoram um deus cuja unidade reconhecem, e a que, por uma singular coincidência, dão um nome que seja como Yehovah. São mais humanos e menos supersticiosos, que os naturaes do visível continente, e por isso cremos que grande serviço prestariam ali á religião alguns missionarios catholicos.

Os negros de Fernando Pó aborrecem profundamente o adultério, e o punem cortando os braços á mulher delinquente. Contudo a polygamia é ali tolerada, como acontece em toda a Africa.

A sua lei religiosa resume-se nos seguintes preceitos: Não deveis mentir; amae a Deus de todo o vosso coração; não deveis tomar o allio; se peccardes não volveis a Deus; fazei bem a todos os homens.

Pelo que respeita as outras raças pouco ha que dizer. A dos crumanos, que é pequena, procede de S. I. a Kron, paiz continental do occidente; exercem ordinariamente o emprego de *carrigabres*. As de timané, aera e Cabo-costa são originarias de Serra Leoa. A de Jamaica cotipõe-se de um pequenissimo numero de familias emigradas d'aquella possessão ingleza. Como os *bubis* são hospitaleiros todas aquellas raças encontraram protecção e agasalho em Fernando Pó, sendo porém sujeitas a *bubi*, que é a verdadeira senhora da ilha.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

VIENDES LEAL.

O que seriam os *Luzias* se o Camões puzesse n'ellos os olhos na *Illiada* e na *Encida*? Que formas

e que traços acharia, com mais liberdade de estylo e de invenção, um pintor, que foi tão fino e desgraçado amante, tão heroico e entusiasmado poeta da gloria nacional? Se a invasão classica o tivesse deixado escutar só as palpitações do coração do povo, e tirar todas as côres e tons da palheta delicada das tradições, que ninguem melhor sabia admirar e restituir, que altura nova, que enlevo raro, que sentimento profundo e christão no seu livro immortal? O que seria o theatro, se depois de Gil Vicente, de Antonio Prestes, e de Simão Machado, viesse um talento observador, um poeta de paixão e de analyse, e fosse o Calderon e o Shakespeare da nossa scena, o homem da idéa, da tradição e da verdade, em vez dos plagiarios e prosaicos ensaios de Sá de Miranda e de Antonio Ferreira, cuja Thalia regelada não tem um sorriso, um movimento, uma posição que não seja copiada ao espelho de Plauto e Terencio? Que rica é florejante seára perdida no primeiro vigo! Que céu baixo e crasso abatendo sobre os horisontes, que eram d'antes tão altos e rasgados!

Veiu a poesia bucolica invadir tudo. As descrições falsas, as finezas dos Corydons e Menalcas, pastores de meia de seda e gurrão de veludo, os rebanhos monotonos, as avenas nada sylvestres, fizeram da rica e vigorosa natureza de Portugal, uma cousa morta, um thema de inextricaveis requiebro entre as Galatheas da corte e os presumidos Melibeus da sua insulsa paixão. Ao som vazio e martellado das eclogas adormeceu a veia pura, a corrente pouco funda, mas tão enlevada ás vezes, da poesia original. Raramente, por uma aberta nos arvoredos d'estas paisagens tiradas de Virgílio e dos versos toscanos, se ouzta alguma nesga do nosso puro céu recamado de estrellas. A fresca e amorosa viração, tão agradável de respirar, cujo picante tanto levanta o perfume ás verduras naturaes, nunca endouceceu nem brincou por aquellas ramas agitando-as!

A periphrase, o tom precioso, e o odio do desenho e da côr exacta desterraram para os verdadeiros montes a musa ingenua, chamando em vez d'ella uma rhetorica artificiosa, que imitou em seda e arminhos o corte simples dos trajos pastoris! Tirando bellos trechos de prosa, e lindos versos de romance, na *Primavera* e no *Pastor Peregrino* de Rodrigues Lobo, exceptuada uma ou outra pagina de Fernão Alves do Oriente, quando é pintor e não copista, o resto quasi tudo é um pezadello incommodo de *silvas*, *madrigaes*, e desafios metricos, prodigos de conceitos e decos de sentimento. Nenhuma observação dos sitios descriptos; nenhuma analogia dos costumes e da linguagem com a vida e o caracter dos interlocutores! Parece impossivel como taes buccolicas, generalisando-se, distrahiram engenhos, aliás distinctos em diversos ramos do saber.

Pomos de parte as numerosas epopéas sem originalidade, ás quaes nunca foi dado seguir de longe mesmo o rasto luminoso de Camões; e com prazer saímos das epochas decadentes para o periodo em que a poesia começa a remir-se dos *labyrinthos* e *aerosticos*, e saltando um vôo alto, passa por cima dos enxames de versos, pousados á superficie dos bréjos da *Phenix Renascida*, curioso epitome dos delirios da seita gongorista. É o periodo da Arcadia do Quila e do Garção. Esses sim, embora não subissem com a vista além dos horisontes da imitação, eram capazes de entender e exprimir o bello, de procurar a verdade e de asentir, purificando a forma. O Garção incurreu nas iras do marquez de Pombal, talvez por alguma allusão satyrica; a vingança do ministro entristeceu em ferros os ultimos annos da

sua vida, e primeiro veio a morte acabar-lhe o tormento, do que a liberdade. Em tudo o que escreveu sobressae a delicadeza e o gosto da musa mais casta. A famosa *Cantata de Dido* não sei que se lhe possa notar senão um verso unico mais negligente; todos os outros são de uma perfeição que desafia a critica. Essencialmente horaciano, as suas odes lutam alguma vez sem desmaiar com as do modelo latino. Ha n'ellas pureza e correção que parecem milagrosas.

Antonio Diniz (Elpino Nonacriense) cuja inspiração se eleva mais arrojada, cujos impetos são mais pindaricos no geral, fica-lhe inferior, repete-se, entumece; e perde a elegancia sobria que é o primor do Garção. As *Anacreonticas* e o *Hyssope* são os seus titulos solidos de gloria. Quita era um pobre cabelleiro, que nasceu poeta e no genero buccolico foi o pintor mais natural, mais parente de Gesner que hão de citar as nossas letras. Pagaram-lhe com desprezo e miseria; deixaram-no consumir na indigência; mas o seu nome viveu, e empallidecem hoje diante d'elle muitos aos quaes a inveja ou a ignorancia assopraram brilho falso, concedendo-lhes o louvor que lhe negavam a elle.

Se as ultimas sombras da affectação gongorica ainda mancham algumas oitavas do poema de Fr. José Durão o *Caramuru*, ha quasi sublimidades em outras que o resgatam. A scena offerecia quadros excellentes a quem a pintasse com as cores do paiz. O auctor, nas que não desprezou, é feliz. O episodio de *Moema* seria irreprehensivel, se o pincel não fugisse ao de leve com as tintas fortes, e fosse menos tímido em interpretar a vida e a natureza. As lyras de Gonzaga (arcade cujo pseudonymo pastoril era Dirceó) peccam no mesmo defeito na sua *Marilia*, apesar da graça e da rara forma de algumas. *Paulo e Virginia* estão revelando o que seria a *Marilia* se o poeta a sentasse ao pé das bananeiras entre a esplendida vegetação dos tropicos. O *Uruguay* de José Bazilio da Gama, depois dos *Luziadas* e da epopéa de Quevedo, *Afonso Africano*, é o melhor poema portuguez de tantos publicados. As descrições respiram verdade e animação; vê-se o paiz e todas as magnificencias da sua vegetação; a pintura muitas vezes tem o calor do céu e das verduras que retrata. O verso sente, e sabe dizer a paixão. Só lhe faltou mais extensão no quadro, e mais cuidado na lima, para ser um modelo.

Quando chegou Bocage, a escola da Arcadia declinava depois de consummada a sua revolução. Aos mestres succediam os copistas, e incapazes de crear, lançavam-se na importação fraudulenta de palavras e construcções francezas, odiosas á lingua. Não contentes de tirarem tudo de fora, ainda pervertiam os traslados servis com as impurezas de uma incorreção mais que devassa. Francisco Manuel do Nascimento (Philinto Elysio) nutrido no estudo e na admiração da antiguidade, feliz imitador de Pindaro e Horacio, do exilio aonde escapava aos rigores da Inquisição, continuou a disciplina do Garção, e com as famosas versões dos Martyres e de Oberon abriu as portas á renovação romantica. A sua luta com os piratas que polluiram a prosa e o verso, as odes á Virtude, a *Afonso de Albuquerque*, aos *Novos Gamas*, em que a poesia é elegante, sublime, e cheia de enthusiasmo; o *Hymno a Noute*, alguma das epistolas, e tantas obras primas são thesouros de linguaagem, de estylo e de imaginação, que de direito o collocam no eminente logar que ha de occupar sempre.

Bocage, vivendo trinta annos depois, talvez fosse o Byron portuguez. Desgraçado e entusiasta visitou

o theatro das proezas nacionaes, e como Camões viu o rosto ao fero Adamastor nas iras da tormenta. Irascivel e ardentissimo de temperamento, a hyperbole ainda era esmorecida alguma vez para o fegoso repentista. A excessiva sensibilidade tornava-o desconfiado, ingrato e quasi mysanthropo. Filho do povo, inquieto, negligente, dos dias de delirio passando aos dias de escacez; e em muitas occasiões prostituindo a musa por outeiros e cafés; em outras vingando-a em raptos quasi epicos, tinha as qualidades e os defeitos, que fazem a gloria e o infortunio dos poetas. Bocage imitou e traduziu admiravelmente, mas creou pouco. A invenção não o soccorria como a harmonia, a ponto de não soltar um verso duro, frouxo, ou mal soante. Deixada a si mesma era terna e sensivel a sua alma; a graça e o pathetico da bella *Cantata de Leandro e Hero* não se excedem. Nas versões de Ovidio, em que o iguala, e nas primorosas de Castell e Delille, em que os vence, derramou riquezas poeticas, que em quadro seu (se o tentasse) lhe promettiam maiores triumphos. A inspiração espontanea, o ardor da phantasia, e o sentimento verdadeiro que lhe enobrecem algumas paginas, mostram que era talhado para ser maior vulto do que foi. Mais proximo, respirando as tendencias da nossa epocha, quem sabe o que poderia cantar esta voz poderosa; aonde subiria um engenho formado de tempestades e de harmonia, ora delirio e fogo, ora ternura e prantos? O seu fado condemnou-o a reinar sobre imitadores como primeiro imitador, e adivinhando quasi a arte moderna destinou-o a morrer sem deixar senão brilhantes copias, e soltos canticos, sombras apenas do monumento que devêra erguer!

Á roda de Bocage, e depois d'elle, tudo tende ao occaso, menos a satyra de sociedade na quintilha de Nicolau Tolentino, cujo buril familiar grava o ridiculo pela felicidade do epitheto, cuja inspiração travessa ri sem odio, e com malicia, de todos, e de si proprio. Neste genero mesmo sepultado o mestre, decaiu o gosto alimentado só pelos gracejos de José Daniel, e pelas torpezas diffamatorias do padre Macedo. As rimas de João Xavier de Mattos offerecem rasgos felizes, mas são desiguaes. Antonio Lobo de Carvalho, quando se levanta do cinismo habitual, e não imita a sordidez de Ballo, é critico engenhoso, e faz lamentar o talento polluido em levianas devassidões.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES METHODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

II.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Entre os litteratos e eruditos que no seculo 16.^o cultivaram es estudos grammaticaes e philosophicos figura em eminente logar o celebre chronista e juriscunsulto Duarte Nunes de Leão. A sua *Origem da lingua portugueza* é a primeira obra que d'este genero se escreveu e publicou em nossa terra. E a sua *Orthographia*, posto que imperfeita, como devia ser n'aquelle tempo, é um livro que devemos comprehender na analyse que estamos fazendo dos methodos de leitura, e de todas as obras que a elles se referem.

Na dedicatória que Duarte Nunes fez da Orthogra-

phia ao regedor das justças Lourenço da Silva, dá elle a entender que fôra em sua mocidade que se resolvêra a *reduzir a preceptos e regras* (como elle diz) a orthographia da nossa lingua. O que é certo porém é que só em 1576 aquella obra se publicou, seis annos depois da morte de João de Barros. Parece pois que Duarte Nunes, escrevendo-a na sua juventude, a guardára por muito tempo, seguindo o preceito de Horacio, e esperára pela morte do que podia ser seu emulo e competidor, nas cousas philologicas, para a seu salvo o refutar, posto que indirectamente, em algumas passagens da *Orthographia*, onde são transparentes as allusões ás doutrinas do illustre escriptor das *Decadas*. Por aqui se vê já que Duarte Nunes, esperando que a arena estivesse deserta para apparecer então, dava um triste documento da idéa que de si fazia, e reconhecia tacitamente a superioridade do seu rival.

As novidades que João de Barros introduzira e propuzera na orthographia e na orthoepia da lingua portugueza acharam em Duarte Nunes um reaccionario decidido a oppugnal-as e a aconselhar a retrogradação para os erros e preconceitos que João de Barros tinha condemnado. João de Barros distinguira dous *aa*, o pequeno e o grande, e fizera sabiamente a distincção das letras em quanto ao seu valor e á sua figura. Duarte Nunes insiste na idéa de que não existe mais do que uma, e de que as differenças de seu som são puramente accidentaes. E julga ter demonstrado a sua proposição com uma tautologia absurda que nada prova nem adianta.

João de Barros tinha proposto que o *c* tivesse sempre o valor de *g*, ainda mesmo quando estivesse antes de *e* e de *i*. E propunha que se usasse do *ç* cedilhado, todas as vezes que o *c* tivesse de pronunciar-se com o som brando, ainda nos casos em que ao *ç* se seguisse um *e* ou um *i*. Duarte Nunes recommenda e defende o erro antigo, e quer que o *c* tenha o som brando antes de *e* e de *i*, e que se lhe ponha cedilha só antes das tres vogaes *a*, *o*, *u*. *Aqual cifra* (cedilha) diz Duarte Nunes, *não porremos quando depois do c se segue e, i, como fazem os idiotas*. Esta qualificação de idiotas ía comprehender directamente a João de Barros, cujas obras Duarte Nunes conhecia e julgava assim acintemente de um modo mais injurioso para a sua propria intelligencia do que para a reputação do afamado historiador.

Além d'isso João de Barros assimilára a pronuncia do *ç* á do ceccar das cigarras, e Duarte Nunes, com pouco exacto conhecimento da verdadeira pronuncia d'então, ensinava que o *ç* se devia proferir como fazendo uma especie de *z*; concordando com tudo com João de Barros, ou copiando d'elle a idéa, de que o *ç* nos viera dos mouros e não da antiguidade classica.

A respeito do *c* segue Duarte Nunes a mesma opinião que estabelecêra sobre o *a*. Pensa pois Leão que não ha mais que um *c*; e é aqui que a allusão a João de Barros se torna mais directa e aggressiva.

«É letra vogal simples, e não de duas maneiras, como alguns cuidam, que fazem *c* pequeno como em *bésta* por animal, e *c* grande como em *bésta* per arma e instrumento de tirar; o que não ha. Porque na pronunciaçãõ d'essa letra, nenhuma differença teemos dos latinos. E a differença, que vae d'esse *c*, que aos vulgares parece longo, ao outro, a que erradamente chamam breve, notamos com accento agudo ou circumflexo, ou grave (como teemos dito do *a*, e diremos adiante na letra *o*) ou com dous *ce*.»

Aqui se vê na palavra *bésta* que Duarte Nunes tinha á vista a *carlinha* de João de Barros, e que era a elle que se dirigia principalmente o epitheto de

vulgares, applicado como uma palavra injuriosa, e como que sendo o contrario de doutos e latinistas, aos que como João de Barros se queriam afastar da orthoepia e da orthographia latina, para crearem á lingua portugueza uma escriptura sua e mais consonante á sua pronunciaçãõ. E que estes *vulgares* como João de Barros era o contraposto dos seguidores da etymologia latina, deprehende-se da insistencia de Duarte Nunes em comparar com as latinas as letras do alphabeto portuguez.

No trecho que citamos fica bem patente o pouco fundamento com que Duarte Nunes refuta a João de Barros, porque no fim sempre vem a confessar que o *c* tem dous sons, visto que reconhece a necessidade de distinguir pelo accento agudo e pelo circumflexo a differença de um d'esses sons do *c* ao outro som.

O que principalmente transparece em todo o discurso de Duarte Nunes é o seu ardor de desacreditar e combater as innovações ousadamente revolucionarias de João de Barros, cujo engenho superior parece n'estas cousas suffocar a musa acanhada e rasteira do chronista mais pueril, posto que elegante, d'entre todos os chroniqueiros portuguezes.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

BIBLIOGRAPHIA.

A Natureza das Cousas, poema de Tito Lucreccio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez pelo doutor Antonio José de Lima Leitão. — Lisboa, tomo 1.^o 1851 — tomo 2.^o 1853, 8.^o — Preço 960 réis.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. — Lisboa, 1853, 6 volumes grossos em 8.^o francez. — Preço 4\$320 réis.

As duas obras acima indicadas vendem-se em Lisboa na Livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro n.^{os} 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta n.^o 8, e na do sr. Bravo, rua do Ouro n.^o 212.

São correspondentes do editor no Porto o sr. Cruz Coutinho; em Coimbra o sr. A. H. Dardalhon; em Braga o sr. A. de Freitas Guimarães; em Santarem o sr. J. F. d'Azevedo Pereira; em Penafiel o sr. M. Dias de Castro; em Setubal o sr. Manuel José Ferreira; na ilha de S. Miguel o sr. Albergaria e Valle; na Terceira o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; na Madeira o sr. A. J. d'Araujo; em Loanda os srs. Lino & Pinto; em Pernambuco o sr. M. J. Alvés; no Rio de Janeiro os srs. Sousa & Comp.^a; na Bahia o sr. Justino Severianno Paiva.

MOLESTIA DAS VINHAS.

Suppõe Fox que o apparecimento do *oidium tuckeri* nas videiras é o resultado de uma molestia produzida pelo desenvolvimento de uma especie particular de vermes, cuja primeira geraçãõ se reconhece por pequenas picaduras nas folhas das videiras, nas quaes depõem os ovos. Aconselha portanto este auctor que se arranquem as folhas logo que apresentarem signaes d'aquellas picaduras.